
Cheikh Anta Diop e o desafio para as novas gerações africanas: Notas a propósito de uma obra de Jean-Marc Ela

Pedro Manuel Patacho

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/mulemba/303>

DOI: 10.4000/mulemba.303

ISSN: 2520-0305

Editora

Edições Pedagogo

Edição impressa

Data de publicação: 1 novembro 2014

Paginação: 585-591

ISSN: 2182-6471

Refêrencia eletrónica

Pedro Manuel Patacho, «Cheikh Anta Diop e o desafio para as novas gerações africanas: Notas a propósito de uma obra de Jean-Marc Ela», *Mulemba* [Online], 4 (8) | 2014, posto online no dia 20 novembro 2016, consultado o 26 janeiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/mulemba/303> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/mulemba.303>

Este documento foi criado de forma automática no dia 26 janeiro 2021.

Tous droits réservés

Cheikh Anta Diop e o desafio para as novas gerações africanas: Notas a propósito de uma obra de Jean-Marc Ela

Pedro Manuel Patacho

NOTA DO AUTOR

Texto da apresentação pública da tradução portuguesa da obra do sociólogo e académico camaronês Jean-Marc ELA, *Cheikh Anta Diop ou a honra de pensar* (Tradução de Narrativa Traçada, revisão do texto de Isabel Henriques e Pedro M. Patacho. Luanda, Edições Mulemba; Mangualde, Edições Pedagogo, 2014, 120p. [«Reler África»]), lido por ocasião das «Actividades alusivas a abertura do II semestre do ano lectivo de 2014», no anfiteatro da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN), em Luanda, no dia 20 de Agosto de 2014.

«[...] Aquilo que actualmente ameaça a obra do investigador africano [isto é, de Cheikh Anta Diop] é a de tentar transformá-la num objecto mágico, sagrado e, em última instância, infalível, não [o] situando [...] no contexto histórico no qual o seu pensamento despontou, com os problemas específicos que o accionaram, atendendo aos meios de abordagem associados a um momento da vida intelectual com os seus limites incontestáveis».

«[...] Não querendo mumificar a sua obra, é necessário submetê-la ao livre exame. É uma forma de reconhecer a sua grandiosidade e a sua

actualidade [o que] leva-nos a renovar e a desenvolver metodologias e abordagens em ciências humanas no contexto africano. Gerir a herança de C. A. Diop é recuperar o sentido da criatividade que se impõe no campo do saber, no qual a descolonização das ciências humanas é uma exigência do nosso tempo».

«África constitui um autêntico laboratório destas ciências. [...] Nas sociedades africanas onde vivem, os investigadores devem dar a compreender aquilo que se passa a nível das transformações de África. É necessário assinalar os objectivos da investigação, elaborar ferramentas de análise, inventar uma nova língua de transmissão [...], ser fiel ao ilustre egiptólogo africano é fazer parte de um momento da criação em andamento».

«[...] Quando África recuperar toda a sua capacidade de pensar, então poderá reerguer-se, livre e gloriosa».

Jean-Marc ELA, Cheikh Anta Diop ou a honra de pensar, 2014, pp. 114-118.

- 1 Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o convite do Senhor Decano da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN), o Professor Doutor Víctor Kajibanga, para apresentar este livro de Jean-Marc Ela, que se debruça sobre o pensamento e a obra de Cheikh Anta Diop. Acedi ao convite com a humildade de quem se coloca à sombra de um gigante. Com efeito, Cheikh Anta Diop é frequentemente descrito como o mais importante investigador africano do século XX, um colosso intelectual que não apenas se destacou pela abrangência, profundidade e originalidade do seu trabalho, como também pela coragem e pela audácia de, perante os absolutos ocidentais sobre a origem das civilizações, proceder à reescrita da história da humanidade com vista a «destacar a participação dos negros na aventura da razão que é filha do tempo e da história» (p. 33). Nas palavras de Ela, foi esse o «propósito fundamental da vida e da obra de Cheikh Anta Diop» (p. 33).
- 2 Em segundo lugar, importa destacar a relevância desta obra. Este livro, que o autor dedica à juventude africana, é, a um só tempo, uma breve introdução ao pensamento e à obra de Cheikh Anta Diop (que sem dúvida prepara o leitor para um encontro mais dedicado e profundo com os trabalhos de C. A. Diop) e um forte incentivo aos jovens investigadores africanos para perseguirem a originalidade científica nas suas abordagens e no desenvolvimento do seu trabalho. Jean Marc-Ela socorre-se, para o efeito, tanto de variadíssimos aspectos da intensa vida de C. A. Diop como da vasta obra que este nos deixou. Alguns dos mais importantes trabalhos dessa imensa obra, vale a pena assinalá-lo, serão brevemente traduzidos e publicados em língua portuguesa pelas Edições Mulemba em parceria com as Edições Pedagogo, nomeadamente, *A unidade cultural da África Negra*, *Nações negras e cultura*, *Civilização ou barbárie*, *A África Negra pré-colonial* e, ainda, *Anterioridade das civilizações negras. Mito ou verdade histórica?*

- 3 Em terceiro lugar cumpre-nos destacar alguns aspectos relativamente à organização e ao conteúdo do livro e que resultam da nossa leitura crítica do mesmo. A obra inicia-se com um texto introdutório que Jean-Marc Ela dedica à juventude africana, advertindo para o facto de que «*seria perigoso erguer um muro de silêncio em torno de C. A. Diop*» (p. 13), já que toda a obra deste investigador nascido em 1923 revela-se «*um extenso debate sobre o problema de África na óptica do Ocidente*» (p. 13), debate esse que se afigura essencial à produção de uma ciência original enraizada nos contextos africanos.
- 4 Cheikh Anta Diop formou-se inicialmente em física e especializou-se em Física nuclear. Foi professor de Física e Química em Paris e trabalhou com Pierre e Marie Curie, mas, curiosamente, não foi com o seu trabalho nas ciências físicas que inscreveu o nome na história da ciência. A maior parte da produção científica de C. A. Diop aconteceu no campo das ciências sociais e humanas, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar que abarcou áreas como a história, a antropologia, a sociologia, entre outras. Este foi o homem que ficou ligado à criação a mítica revista *Présence Africaine*, que esteve associado à realização dos congressos de escritores e artistas negros, à fundação da Sociedade Africana de Cultura, à celebração do primeiro Festival Mundial de Artes Negras, que ao longo de mais de 30 anos, através dos seus livros, artigos, colóquios, conferências, debates e comunicações se assumiu como uma das mais proeminentes vozes científicas do mundo negro, nunca deixando de inscrever o seu trabalho na luta contra a dominação do Ocidente e com um único propósito: restituir a história aos povos africanos e, com ela, criar as condições para uma produção científica autêntica.
- 5 Os capítulos 1 a 6 cobrem aqueles que podem ser considerados os aspectos centrais para entender C. A. Diop e a relevância actual do seu trabalho. O capítulo primeiro situa a emergência do autor de *Nações Negras e Cultura* numa época marcada pela ruína dos mitos em que se fundou o poder colonial. Mas «*no momento em que a luta pela independência constitui a vivência mais profunda dos homens da sua geração, este intelectual considera que a emancipação dos povos...*» (p. 20), mais do que questionamento das relações de poder, «*exige uma desconstrução do saber imposto pela Europa com vista a consolidar a sua ascendência sobre as sociedades não-europeias*» (p. 20).
- 6 Para C. A. Diop, o que estava verdadeiramente em causa era o fim de uma visão do mundo, «*uma viragem da história e da cultura em que a verdade sobre as realidades africanas já não pode vir do exterior*» (p. 24), pelo que se impõe, entre os africanos, «*a necessidade de assumirem o controlo da investigação científica¹ e da elaboração da história do seu próprio continente*» (p. 25), recusando com determinação uma suposta verdade científica que há muito se tinha tornado branca, tão pejada que estava dos preconceitos de uma longa linhagem de filósofos e de eruditos cujas perspectivas correspondiam apenas e só a uma vontade dissimulada de dominação sob a capa supostamente neutra da «*verdade*» científica.
- 7 O seu tema de trabalho é então a África; um tema com diversas ramificações. Assim nos mostra o segundo capítulo. As obras de C. A. Diop são frequentemente inscritas no domínio da história e o autor é habitualmente descrito como um historiador. Mas o problema da história deve ser inserido num conjunto de preocupações que dominam o pensamento do autor e que se ligam com a ideia de unidade cultural da África negra. Esta ideia «*é subjacente à, e sustenta a, obra histórica, sociológica, linguística e etnográfica de C. A. Diop, sendo possível identificá-la [nas várias ramificações] na sua investigação: origem comum egípcia dos povos negros, unidade sociocultural de uma sociedade matriarcal, história*

dos grandes impérios sudaneses... [sendo] a partir destas problemáticas que C. A. Diop conflui naturalmente para questões de ordem política» (p. 33).

- 8 A abordagem destas problemáticas e a sua relação entre si, de forma profunda e coerente, apoiada em evidências científicas produzidas de forma rigorosa, levam o eminente investigador senegalês à apresentação de uma teoria que, embora ignorada por muitos e desprezada por tantos outros, praticamente ninguém ousou refutar: «a razão nasceu entre os negros» (p. 45). Assim começa o terceiro capítulo. Os estudos de C. A. Diop permitiram demonstrar a anterioridade das civilizações negras e as suas relações com a Grécia antiga, até aí tida como o incontestável berço da civilização. Isto significou a necessidade de situar o nascimento da razão em África.
- 9 O que C. A. Diop faz é reenquadrar «as formas de produção intelectuais e culturais, os aspectos da ciência e do pensamento, os mitos e a religião, bem como a arte» (p. 46) da civilização negra no contexto global da história da humanidade, forçando o Ocidente à necessidade de revisão da imagem que produziu de si mesmo e do seu papel na história, perante os resultados de uma investigação científica rigorosa que evidencia a grande influência dos negros no mundo mediterrâneo da antiguidade. Eis a verdade incómoda pela qual C. A. Diop se bateu toda a vida: «A luz que chegou à Europa não proveio somente do Oriente, como se pensou durante longos séculos; ela provém igualmente do Sul, ou seja, de África, a partir do Egito negro que constitui o berço da consciência humana» (p. 50).
- 10 Concretizado este feito, coloca-se a questão da consciência histórica e do seu papel operativo na produção de uma ruptura epistemológica indispensável à necessária revolução intelectual africana. São estes os aspectos abordados no quarto capítulo. Na perspectiva de C. A. Diop, perante o novo conhecimento histórico, as ciências sociais e humanas deveriam levar a cabo uma análise minuciosa dos seus pressupostos e fundamentos, tanto no plano teórico como no plano empírico. «Ao colocar o problema da história africana, C. A. Diop abre um caminho de libertação» (p. 60) intelectual, permitindo que o africano «se reapodere da continuidade do seu passado histórico... [retirando] dele o benefício moral necessário à reconquista do seu lugar no mundo moderno» (p. 60). Deste ponto de vista, é inequívoco o sentido político da obra de C. A. Diop, muito embora o facto de o seu esforço científico ter sido realizado num contexto de luta anti-colonial tenha conduzido muitos a olharem apressadamente para suas afirmações como meros exageros e equívocos apenas explicáveis pela emoção da luta pela libertação.
- 11 De resto, a questão da luta anti-colonial e o problema da nação africana são abordados no quinto capítulo. De um modo geral, aquilo que C. A. Diop propõe, no contexto da emergência dos movimentos anti-coloniais, é a formulação do problema central do Estado e da nação com base na relação dos povos com a sua história. É nesta perspectiva que deve ser entendida a sua tese da unidade cultural da África negra enquanto contributo para a resolução daquele problema. E é nessa grelha de leitura que deve ser entendido o sonho pan-africano de um Estado federal. Para C. A. Diop, «a verdadeira independência só [seria] concebível no âmbito de um governo federal... Para o intelectual, nacionalismo e pan-africanismo [eram] indissociáveis... C. A. Diop acredita, inclusivamente, que o início do Estado pós-colonial marca uma regressão» (p. 85) e não um avanço. Deixou dito numa grande entrevista em 1981, praticamente 20 anos depois das independências, que «a experiência política dos últimos anos não dá azo a quaisquer ilusões... mesmo no que se refere à Organização da Unidade Africana» (p. 87). Dizia C. A. Diop: «É necessário alterar completa e definitivamente a África negra em direcção ao seu destino federal» (p. 87).

- 12 O sexto e último capítulo da obra debruça-se sobre aquilo que se afigura uma evidência ao longo da leitura dos capítulos anteriores, a saber, as responsabilidades sociais e políticas do grande investigador que foi C. A. Diop e que devem constituir uma inspiração para os jovens investigadores africanos. C. A. Diop viveu toda a sua vida preocupado com o problema das universidades africanas e da investigação científica sem as quais acreditava ser impossível a concretização de qualquer plano de desenvolvimento em África. Foi por isso mesmo que fez da ciência a sua vida, travando um «*longo debate com a tradição intelectual ocidental*» (p. 94), debate esse que do seu ponto de vista deveria ser agarrado pelos investigadores africanos com vista à reinvenção das ciências sociais e humanas em África. Depois disto, o texto que encerra a obra intitula-se apropriadamente *O desafio das novas gerações africanas*. A este propósito voltemos ao início do nosso texto e leiamos as palavras de Jean-Marc Ela.
-

NOTAS

1. Ver, a este respeito, a forma como Jean-Marc Ela concretiza esta ideia na sua obra *Restituir a história às sociedades africanas. Promover as Ciências Sociais na África Negra*. Luanda, Edições Mulemba; Mangualde, Edições Pedagogo, 2013, 98p.
-

AUTOR

PEDRO MANUEL PATACHO

ppatacho@yahoo.com

Pedro Manuel Patacho é Director das Edições Pedagogo e investigador do CEREPE – Centro de Recursos Pedagógicos da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN), Angola, do CI-ISCE – Centro de Investigação do Instituto Superior de Ciências Educativas, Portugal, e do Departamento de Pedagogía e Didáctica da Universidad da Coruña, Espanha. É licenciado em Educação pelo Instituto Superior de Ciências Educativas (ISCE) e mestre em educação pela Universidade de Lisboa. Tem em preparação a sua tese de doutoramento na Universidade de Coruña, no Reino da Espanha, onde é investigador no Departamento de Pedagogia e Didáctica. Supervisiona trabalhos de mestrado em diversas áreas e tem leccionado diversos cursos na formação inicial e pós-graduada. As suas principais áreas de interesse situam-se no campo da investigação etnográfica em educação e da sociologia da educação, em particular: Educação e justiça social; participação democrática nas escolas; educação e activismo social; análise das políticas educativas e curriculares. É membro do Conselho Editorial e Editor assistente da Revista Angolana de Sociologia, órgão da Sociedade Angolana de Sociologia (SASO), do

Conselho redactorial do Forum Global de Investigação Educacional e membro do Conselho científico da Mulemba — Revista Angolana de Ciências Sociais.